



A NEGAÇÃO DO LUGAR SOCIAL DO INDÍGENA NA SOCIEDADE DITA CIVILIZADA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3923

Sirlande Teles Cunha, UFMT

Guilherme Gustavo Henrique Salvati, UFMT

Resumo

O presente texto apresenta questionamentos acerca do lugar social do indígena na sociedade brasileira. O estudo objetiva discutir a problemática dos indígenas estarem saindo de suas terras para buscarem condições de vida na cidade. O indígena vai para cidade quando se tira a terra dele. Existe também a possibilidade da cidade chegar até a sua comunidade. Alguns leigos que, não conhecem a cultura indígena, perguntam por que os indígenas não estão na mata, mas como eles podem estar na mata, se o Estado brasileiro confiscou as suas terras? A pesquisa insere-se na metodologia da pesquisa histórica, na vertente da História Indígena, utilizando como instrumento a análise fotográfica e discussão teórica a partir de Chamorro e Combès (2015), Santos (2006) e Ramos (1986). Para dar subsídio, analisamos uma fotografia de uma indígena Tikuna, disputando o lixo com os urubus na região de Tabatinga, no Amazonas, mas que serve para ilustrar que a problemática dos indígenas sem um lugar social está disseminada em quase todo país. Analisamos também uma fotografia de pistoleiros, no Mato Grosso do Sul, atirando em indígenas que tem apenas o próprio corpo para defesa. A conclusão da pesquisa indica que as comunidades indígenas no Brasil estão perdendo seus espaços territoriais, junto com a sua dignidade humana.

Palavras Chave:

Indígenas; Território;
Fotografia; Lugar Social.

A história dos povos indígenas é marcada por lutas, desde a invasão portuguesa, no início do século XVI, até os dias atuais. Como aponta Manuela Carneiro da Cunha na obra "História dos Índios no Brasil" (1992), o início da colonização do Brasil foi realizado com mão de obra indígena, seja na extração do pau-brasil ou em serviços domésticos, mesmo após a chegada de povos africanos escravizados ao país, esse processo de exploração se manteve, se estendendo por todo período colonial e imperial, e até mesmo após a proclamação da República. Durante a Ditadura Militar (1964-1985), com a construção de hidrelétricas e rodovias, como a Transamazônica, vários povos indígenas foram expulsos de suas terras, aqueles que tentaram resistir foram massacrados, tudo em nome de um projeto de modernização e civilização, do qual esses povos não faziam parte.

A saga da invasão das terras indígenas continua até os dias atuais. A falta de interesse do Estado, para agilizar a demarcação de suas terras, gera violência entre os fazendeiros e as comunidades indígenas. Esse conflito, como afirma Chamorro e Combès (2015), faz parte do cotidiano no Mato Grosso do Sul, que possui números assustadores de violência contra povos indígenas.

Fotografia que representa o conflito entre pistoleiros e Guarani- Kaiowá



Fonte: <https://anecsnacional.wordpress.com/2012/08/22/anecs-pelo-fim-do-massacre-ao-povo-indigenabrasileiro/>

A fotografia acima, captada pela equipe da Articulação Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ANCS)

em 2012, congela no tempo um fragmento de um momento conflituoso vivido pelos indígenas Guarani-Kaiowá, no Mato Grosso do Sul. De acordo com o filósofo Flusser (2002) "Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo". Para Kossoy (1989) "Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um quadro determinado da realidade registrado fotograficamente".

A imagem representa nitidamente um recorte da relação entre fazendeiros e indígenas, para manterem seus territórios no Mato Grosso do Sul. O fotógrafo deixa em evidência a sua intenção de abordar, através da fotografia, a desigualdade do embate entre pistoleiros e indígenas, porque ele capta a imagem do revólver no canto esquerdo da tela em primeiro plano, assim como o pau na mão do indígena, no lado direito da tela. Expondo a discrepância das armas durante o combate. Os indígenas lutam com os seus corpos e armas artesanais de curto alcance do alvo, enquanto os pistoleiros, sob ordens dos fazendeiros, utilizam armas de longo alcance e estão aptos para matar.

Podemos observar, também que os indígenas, estão em maior número, mas o zoom está sob a imagem dos pistoleiros, enfatizando o poder de fogo de suas armas.

Os números da violência contra os povos indígenas no Mato Grosso do Sul são assustadores. Em relatório anual publicado pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), vemos que os assassinatos de indígenas no Mato Grosso do Sul são maiores do que os assassinatos de indígenas em todos os outros estados brasileiros. Durante os últimos governos (2003-2011) foram assassinados 503 indígenas no Brasil, e apenas no estado do Mato Grosso do Sul foram assassinados 279 indígenas, em porcentagem isso equivale a 55% do

número nacional. Uma verdadeira situação de guerra, na qual morrem mais indivíduos assassinados no Mato Grosso do Sul do que em países em estado de guerra, como é o caso do Iraque. Enquanto no Iraque há 93 assassinatos para cada 100 mil pessoas, apenas na região de Dourados (MS) há 145 assassinatos para cada 100 mil pessoas. (ANECS, 2012)

Para os donos do agronegócio, os indígenas representam uma ameaça para a prosperidade do capital. No entanto, ao fazermos uma comparação da relação dos povos indígenas com a terra, vamos perceber que eles possuem uma profunda relação com seu território, enquanto os não indígenas, que acreditam ser os donos da terra, possuem um jeito diferente de se relacionar com esta, movido apenas pelo interesse. Como explica Ramos (1986, p.13):

Para as sociedades indígenas a terra é muito mais do que simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está ligada ao sistema de crenças e conhecimento. Não é apenas um recurso natural, mas - tão importante quanto este - um recurso sociocultural.

A comunidade indígena não sente a necessidade de acumular lucro através da terra. Elas desenvolvem a sua vida cotidiana em harmonia com o que a natureza pode oferecer para a sua existência. Essas comunidades não querem a monetização da terra, enquanto que os não indígenas, possuem uma relação de exploração para com qualquer coisa que possa ser revertida em capital. Eles priorizam a individualização dessa, para atingir um único objetivo: o próprio enriquecimento. Nem que para isso seja necessário avançar sobre famílias que dependem daquele território para sobrevivência. E ao ver o grande capital avançar sobre seus territórios, a única saída para os povos indígenas é ir para as cidades, e enfrentar novos obstáculos,

agora com o preconceito da sociedade sobre esse grupo.

Segundo uma pesquisa feita em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há no Brasil mais de 800.000 indígenas, dos quais 38,5% vivem nas cidades. Isso representa mais um desafio para o povo indígena: se adequar e sobreviver nessa "selva de pedra". Essa migração não é recente, tem início nas décadas de 1950 e 1960, quando essa população indígena, que estava vendo suas terras serem destruídas em nome do "progresso" e civilização, precisaram migrar para as cidades em busca de trabalho. A partir da década de 1990, com a Constituição de 1988 e uma ampliação dos direitos indígenas, sobretudo em relação ao ensino, essa migração passa a ter um caráter também educacional.

Porém, essa vinda dos indígenas para as cidades, em vez de ser benéfica, acabou por aprofundar a negação de um lugar social digno para esses povos, pois de um lado temos a sociedade, que acredita que lugar de índio é na floresta, senão deixa de ser índio, e do outro temos os grandes fazendeiros, que não importam com o local que esse indígena viverá, desde que não seja nas florestas, que precisam ser derrubadas para plantio e expansão da agropecuária.

O que resta para esses povos, que perderam o direito de pertencimento a qualquer território? Atacados e negligenciados, viram sua identidade, cultura e tradições desaparecer desde a chegada dos europeus na América, e ainda precisam lutar diariamente para manter um bem que, por direito, pertence a eles.



Fonte: <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/favela-amazonia/capitulo-2.php>

A imagem acima, produzida pela fotografa Dida Sampaio, mostra uma índia Tikuna, povo que sempre ocupou parte das terras da Colômbia, do Peru e do Brasil. No Brasil, o povo Tikuna ocupa o Estado do Amazonas, e tiveram suas terras demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai) no início de 1988, o que gerou uma série de ameaças contra os índios feitas pelos posseiros, que se recusavam a sair das terras demarcadas. No dia 28 de março de 1988, os Tikuna marcaram uma assembleia, para discutir a demarcação, mas foram surpreendidos com a chegada de 14 homens armados, que invadiram atirando e matando os indígenas reunidos. A tragédia teve repercussão internacional, pois foram 14 mortos e 23 feridos, todos indígenas. Entre os mortos, cinco crianças. O fato ficou conhecido como Massacre dos Tikuna, e por pedido do Ministério Público Federal o caso foi julgado como genocídio. O responsável pelo massacre, o madeireiro Oscar Castelo Branco foi condenado em maio de 2001 a 24 anos de prisão, mas conseguiu ser absolvido em novembro de 2004, já os executores foram condenados a 12 anos de prisão.

A imagem da índia Tikuna foi capturada na cidade de Tabatinga, principal cidade do Alto Solimões, no Amazonas, na onde, para sobreviver, é preciso disputar comida com os urubus no lixão, pois suas terras foram invadidas, e na cidade não há integração do mercado de trabalho com os índios Tikuna. Assim como não existe também essa relação de

trabalho com os indígenas Guarani-Kaiowá, do Mato Grosso do Sul, que continuam resistindo as investidas violentas dos fazendeiros contra o seu povo.

A proposta da fotografa ao enquadrar a imagem da indígena como se fizesse parte da paisagem do lixão, nos leva a pensar que, a indígena, assim como os urubus, faz parte dessa paisagem. De acordo com Flusser (2002) "O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens". Sendo assim, podemos também observar que as aves estão calmas com a presença dela, dando a sensação de harmonia naquele ambiente hostil. Ela fecha a imagem, dando ênfase ao cotidiano do lixão, deixando apenas entrar uma fresta da mata, lugar onde a indígena poderia exercer a sua vida social com a sua comunidade.

A mudança para a cidade é um processo doloroso para o indígena, pois diante desse processo ele sente a necessidade de alterar seu modo de vida, suas tradições e sua ancestralidade, por medo da não aceitação da sociedade "civilizada" sobre a sua cultura, fazendo com que ele deixe de exercer a sua identidade, para tentar se encaixar nesse novo cotidiano. Porém, mesmo em meio a um sistema excludente, existe uma vontade de desconstruir alguns estereótipos que foram criados acerca de sua imagem durante esses quinhentos e dezessete anos de convívio com os não indígenas, como o de ser preguiçoso e selvagem. Como dito no início do texto, a história indígena é marcada por lutas e desafios, esses povos colecionam inúmeros atos resistências para obter um lugar na sociedade, e um desses atos é lutar contra os preconceitos historicamente construídos e naturalmente aceitos pela sociedade.

Nas cidades, precisam viver cercados e coagidos com apontamentos e discursos da sociedade não-indígena ordenando o que é ser indígena. Por vezes

ouvimos discursos sobre o fato de índios fazerem uso de aparelhos eletrônicos (celular, computador), como se o índio fosse deixar de ser índio, e estivesse perdendo sua cultura e ancestralidade pelo simples fato de estar falando ao telefone. Mas quando acontece o contrário, e um não-índigena faz uso de tecnologias, aprende um novo idioma, faz cursos de capacitação, isso é chamado de crescimento pessoal, de experimentar e conhecer novas culturas. Por que será que os discursos são tão contraditórios? Por que será que possuímos uma visão tão distorcida do que é ser indígena?

Como comenta Gersem dos Santos Luciano na obra "O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje (2006)". Essa visão é dividida em duas perspectivas, de um lado aquela ideia romântica, do indígena como um "protetor das florestas, ingênuo e pouco capaz de compreender o mundo branco com suas regras e valores" (p. 34). A segunda perspectiva é a do "índio cruel, preguiçoso e traiçoeiro" (p. 35), uma visão disseminada por grupos econômicos para se apossarem de suas terras, que coloca o indígena como um empecilho para o progresso, culpados pelo atraso na modernização do país, uma ideia amplamente apoiada pela mídia, que só lembra da existência dos povos indígenas em momentos de conflito com os grandes latifundiários, vendendo a imagem de índio como bárbaro e selvagem.

O Estado brasileiro negligencia a terra indígena, excluem eles da sociedade; negam a sua contribuição na cultura desta sociedade e, ainda veem o indígena vivendo em uma oca como um espetáculo. Não aceitando que esses povos venham disputar espaços nas cidades sem se tornar um obstáculo para o progresso da mesma.

Mas quando a cidade chega até as terras não existe o mesmo questionamento. A exemplo disto existe a cidade de Tabatinga no Amazonas que, praticamente transformou as aldeias indígenas em bairros periféricos.

As duas imagens nos fazem pensar o que é ser indígena no século em que, se fala tanto em direitos humanos e que despreza tanto a vida. Qual será as perspectivas de existência das comunidades indígenas diante dessas imagens? Onde está o lugar social desses povos nessa sociedade?

Referências

- CHAMORRO, Graciela. COMBÈS, Isabelle. (Org.). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 9-24.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaio para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- SANTOS, Gersem dos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.

Sites

- <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>
- <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/ticuna/print>
- <http://radios.ebc.com.br/jornal-da-amazonia-1a-edicao/edicao/2016-03/massacre-dos-ticuna-completa-28-anos>